

# Sinais fechados: um diálogo entre literatura e música

pg 155-165

Claudimar Paes de Almeida<sup>1</sup>

Leoné Astride Barzotto<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre a música “Sinal fechado”, de Paulinho da Viola, do ano de 1969, e o conto de Marcelino Freire, “Sinal fechado”, do livro *Rasif: mar que arrebenta*, de 2008, visto que, todo texto se constrói a partir de outro, constituindo-se em um grande mosaico de citações (KRISTEVA, 1974). O levantamento teórico e a análise possibilitam reconhecer e encontrar os aspectos intertextuais e o diálogo existentes entre a literatura e a música, ambas com a mesma temática e, apesar da distância temporal e das realidades distintas, tais contatos comungam da mesma “revelia”, ou seja, o trânsito ainda continua fechado.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Literatura Comparada; Música; “Sinal fechado”.

## CLOSED SIGNS: A DIALOGUE BETWEEN LITERATURE AND MUSIC

## Abstract

This work aims to conduct a comparative study between the song “Sinal fechado”, by Paulinho da Viola, from the year 1969, and the short story written by Marcelino Freire, “Sinal fechado”, from the book *Rasif: mar que arrebenta*, 2008, since all text is constructed from another ones, constituting a great mosaic of quotations (KRISTEVA, 1974). The theoretical survey and the analysis make it possible to recognize and find the intertextual aspects and the dialogue existing between literature and music, both with the same themes and, despite the temporal distance and the different realities, those contacts offer the same communion, we mean, the traffic still remains closed.

**Keywords:** Intertextuality; Comparative literature; Music; “Sinal fechado”.

## Para início de conversa

O homem sempre teve a necessidade de comunicar-se, em razão de sua relação com a natureza, com o outro, com ele mesmo e com aquilo que o cerca. Em vista disso, transcende seu espaço e se fortalece em outros, trabalha em comunhão para o crescimento mútuo. É possível visualizar nesse mesmo caminho, as manifestações artísticas, haja visto seus desdobramentos em outros terrenos, que culminam

<sup>1</sup> Mestrado em Letras pela Universidade da Grande Dourados. E-mail claudimarpaes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, professora Adjunta III, na Universidade da Grande Dourados (UFGD). E-mail leoneastridebarzotto@gmail.com

no mesmo objetivo, as manifestações culturais, sociais e políticas do homem.

Com o desenvolvimento do homem e do próprio mundo, algumas artes perdem seu brío, e outras ganham maiores espaços, a intenção não é refletir essas diversas nuances, mas colocar em destaque a literatura e a música, vistas num processo interacional e, sobremaneira, a partir de suas representações em dois momentos: a ditadura e a realidade atual. Entre as artes, a intertextualidade e o diálogos sempre existiram, assim como entre os seres humanos. Muitos cantores e escritores se valem de aspectos musicais ou literários para firmarem ou expressarem uma relação estreita com elementos sociais, históricos, políticos e culturais, ou seja, com o que está sendo vivenciado por determinada realidade, grupo, sociedade ou comunidade.

Por pensar nas várias facetas que as duas artes em questão podem apresentar, o trabalho se constitui de uma metodologia bibliográfica, crítica e analítica, partindo dos seguintes pressupostos teóricos: Candido (2000, 2004), Carvalhal (2003), Cevasco (2009), Clüver (2011), Etiemble (2011), Marques (1999), Remak (2011), Souza (2007), entre outros. O estudo comparativo em questão procura destacar os principais aspectos de interação, diálogo, intertextualidade, intermedialidade, e intencionalidade existentes entre as duas formas de manifestação cultural, literária e crítica, diante dos momentos supracitados.

## **Literatura comparada e estudos culturais: confabulação interdisciplinar**

Ao adentrarmos no conceito de Literatura Comparada, encontramos desde a sua formação e constituição enquanto disciplina, até diversas concepções a respeito de seu campo de estudo e possibilidades de análise. De Tieghem, Guyard, René Wellek, Remak, René Etiemble, inclusive, as concepções atuais; temos discussões acirradas

que colaboram para a expansão e apreciação mais aguçada desse campo de estudo. Vale ressaltar que as discussões em questão não eliminam conceitos nos mais variados contextos, mas incidem sobre a reflexão na qual a LC<sup>3</sup> estabeleceu suas relações com outras disciplinas ou campos de estudos tantos.

Muitas discussões arrolam o campo da crítica literária, mas em relação a isso, tem-se uma peça reveladora e indispensável para os desdobramentos constituintes de qualquer área do conhecimento e de sua proporção, o homem, seja ele de qualquer lugar ou qualquer tempo, nas suas mais múltiplas interações com o mundo e com ele mesmo, necessita transpor fronteiras para sua formação enquanto ser em processo de construção e de necessidades.

Nesse sentido, a literatura é um instrumento colaborativo nos aspectos expressivos da vida do ser humano, que não se limita às “bordas de suas páginas”, mas que se relaciona com outras áreas do conhecimento. Logo,

A literatura comparada é o estudo além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia) as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com a outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 2011, p.189).

Dessa forma compreendemos o papel da LC, de sua dimensão e de suas correspondências, pois ela não se concretiza como um departamento isolado ou fragmentado, mas a partir de sua relação com as várias literaturas e outros espaços do conhecimento e da ação humana. Aprecia-se, então, o papel do comparatista que, dotando-se de uma política humanística, refutará qualquer tipo de chauvinismo e provincianismo, ao reconhecer que a civilização humana agrega valores intercambiantes desde os

<sup>3</sup> Doravante Literatura Comparada.

seus primórdios, não se privilegiando nesse caso uma só língua, um só país, nem valorizando uma cultura e desvalorizando outra, visto que as trocas culturais sempre existiram e existirão (REMAK, 2011).

O afastamento do “isolamento” e das apreciações faz dos estudos comparados um campo propício para as articulações, as conversações, os diálogos entre as artes e os mais variados terrenos emanados dessa. Pertinentes a essas questões encontram-se os Estudos Culturais, pois em vista de um novo contexto, há a necessidade de “[...] uma visão mais democrática e inclusiva de cultura e uma forma mais integrada de ver as formas culturais como articulações de processos sociais reais” (CEVASCO, 2009, p.320). Esses apontamentos são os norteadores e modeladores sociais integrantes dos Estudos Culturais, pelo fato da cultura não ser uma fonte atrelada a uma pequena parcela, porém pertencente a todos.

Os EC<sup>4</sup> são diferenciados pela forma de sua abordagem, ou seja, agregam a produtividade cultural e o modelo de vida da sociedade como distintas manifestações emergidas do mesmo furor. Quanto à percepção colocada “[...] a prática interdisciplinar, funciona como mecanismo de abertura para o trânsito entre os discursos das ciências humanas, exerce papel importante nesta reflexão” (SOUZA, 2007, p.77). Veículo motor na conversação entre as demais disciplinas ou manifestações culturais, a transitividade proporciona um diálogo com as demais áreas do conhecimento, como a sociologia, a história, da própria literatura, ampliando-se a outros modos de reprodução representativos da realidade social, entre eles, a ficção científica, textos jornalísticos, ou ainda obras escritas por negros, mulheres e homossexuais. Vale destacar que os EC sofrem várias críticas, visualizados pela alta literatura como ameaça ou até mesmo como morte dos estudos que defendem a forma literária,

4 Doravante Estudos Culturais.

entretanto, ao pensar numa representação diante das grandes transformações sociais, segundo Souza:

[...] A narrativa pós-moderna, construída com fragmentos de culturas diversas e composta de personagens cuja sina são o constante deslocamento, o embaralhamento de identidades e a crise social, sintomas da falta de representatividade de classe e do apagamento do sentido de nação. A alta cultura encontra-se, paradoxalmente, disseminada nas baixas esquinas do mundo: nos viadutos de Nova York, na bolsa de valores de Tóquio e no centro das maiores cidades brasileiras (SOUZA, 2007, p. 83).

Disseminando a literatura como parte integrante da sociedade, encontrada nas diversas expressividades da realidade social, sobrepujada em vista das grandes mudanças globais, nacionais e locais, é fundamental mediante o objetivo em que se propõe intercambiar o diálogo entre as duas perspectivas, LC e EC, culminadas na dimensão interdisciplinar. Torna-se bastante pertinente a reflexão, já que emerge em destaque, o processo de globalização e a crise de paradigmas relutantes, por muito tempo, advindas do discurso hegemônico.

As duas disciplinas compartilham de um caráter múltiplo, advindas da diversidade de objetos enquanto estudo e análise, enfoques e metodologias direcionadas ao comparatismo, delineiam-se em caminhos possíveis de convergir, porque as

[...] pesquisas são movidas pelo múltiplo e pelo diverso, incidindo sobre vários discursos, vozes, disciplinas, tradições, objetos; o quanto elas dão ênfase aos jogos, confluências, trânsitos, deslocamentos, intervalos de cultura; o quanto investem em releituras de formações nacionais, na escuta de diálogos entre nacionalidade, classe, gênero, etnicidade (MARQUES, 1999, p.58).

Nesse sentido, percebe-se a existência de uma pluralidade de discursos, constituída pelas disciplinas, que entrelaçam interesses comuns e ultrapassam fronteiras instituídas pelo paradigma hegemônico. Ressalta-se a ideia de interposição, já que a visão interdisciplinar aqui explanada e articulada não é aquela construída pela mera confrontabilidade

das disciplinas, mas uma visão interdisciplinar da invenção e da construção a, o que pressupõe uma tomada de consciência, de limitações de terrenos ou territórios, dos sujeitos do conhecimento, levando-os a transpor as fronteiras, habitadas pelo diálogo aberto com outras bases teóricas.

Marques (1999), ao referenciar Barthes em relação à reflexão sobre a interdisciplinaridade, destaca o texto como sendo um dos objetos de grande valor metafórico da cultura, como algo inacabado e carregado de uma heterogeneidade radical, pois está sempre em procedimento de transformação, ininterruptamente construído pelos mais diferenciados atores culturais, por meio de sua bagagem cultural adquirida pela leitura e escrita. Por isso, o texto é elemento em comum em todas as disciplinas ou manifestações artísticas, políticas e culturais.

Desdobra-se, então, a possibilidade de formação de pessoas acessíveis/abertas a uma visão cultural mais ampla, deixando de lado o olhar individualista, reduzido, limitado, buscando não se impregnar da nostalgia herdada pelas culturas autoritárias e não abertas ao novo. Torna-se essencial a formação dos indivíduos, pois encontram-se inseridos “[...] numa sociedade democrática, de consumo, e de uma força de trabalho mais apta a lidar com as mudanças impostas pela tecnologia” (MARQUES, 1999, p.64). Essa pluralidade exige um olhar cuidadoso dos mais variados contextos, tornando-os mais receptivos, seja diante das perspectivas locais ou globais, são importantes ainda, levar em consideração as especificidades culturais tradicionais, em vista do desenvolvimento da globalização nas mais distintas esferas da vida humana. Marques colabora nessa reflexão ao dizer que:

A interdisciplinaridade se coloca e se desenvolve, a meu ver, como resposta a tais demandas. Como movimento para além e através das fronteiras disciplinares, ela se contrapõe ao imperialismo epistemológico, aos saberes totalizantes. De um ponto de vista mais filosófico, o pensamento interdisciplinar, assim como o transdisciplinar, supõe o

reconhecimento da natureza hipercomplexa do real, o real como múltiplo, algo de que os métodos científicos não dão conta (MARQUES, 1999, p. 64).

A interdisciplinaridade, imbuída da complexidade e categoricamente mais prática do que teórica, mergulha nos espaços articulatórios dos discursos e das experiências do real. Ao entender esse “mergulho”, observam-se as constituintes colaborativas e esclarecedoras na relação recíproca entre os estudos literários e os estudos culturais, por conta de suas práticas multidisciplinares. Com efeito, vislumbra-se na construção desse mosaico, a relação aportada das Ciências Humanas, pois sua abertura predispõe a nítida idoneidade para a realização desse diálogo.

Como já referenciado em alguns momentos, é na fronteira disponibilizada pela ação interativa que ocorrerá o procedimento pluridisciplinar e, quando nos remetemos à ideia de fronteira, não a vinculamos a conceitos mais convencionais do termo, aqueles restritos a concepções geográficas, políticas ou históricas, mas a uma concepção mais ampla “[...] como aquilo que determina as relações dos elementos com seu espaço”, ou seja, em uma “[...] dimensão simbólica, capaz inclusive de ultrapassar aspectos concretos e localizados dos fenômenos para captá-los em seu processo de elaboração criativa [...]” (CARVALHAL, 2003, p.153-154). Assim, o termo é compreendido, aqui, como espaço de diferenças, identidades e representações.

A constituição e a concretização da análise ocorrem num espaço intervalar, nos interstícios, no entre-lugar, espaços ocupados pela LC<sup>5</sup> e pelos EC<sup>6</sup>, transgredindo, ultrapassando e cruzando as

5 Segundo Candido (2004) ao tratar da LC brasileira, ressalta que sempre existiu um vínculo comparativo nas mais variadas obras e que o rompimento ocorreu aos poucos, percorrendo dos textos as epígrafes, entretanto, a LC consolida-se no Brasil enquanto disciplina autônoma a partir do ano de 1961, por sua própria iniciativa.

6 Oficialmente os EC chegam no Brasil nos anos de 1990, existindo programas dessa disciplina em várias universidades, dentre elas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade de São Paulo (CEVASCO, 2009).

fronteiras, agora rascunhadas e construídas por novas perspectivas, por sujeitospartícipes de um novo olhar e horizonte. Nesse espaço transitório, na fertilização pluralizante, são a música e a literatura possibilidades de diálogos (trans)formadores das realidades emergidas da arte, enquanto expressão da vida.

## Música e literatura em diálogo

Por ser uma arte polissêmica, a literatura conversa estreitamente com as outras artes. No caso em estudo, a literatura dialoga com a música. Ao despojar-se da história, percebemos que ambas sempre estão em diálogo, sendo elos de reflexões que acompanham o desenvolvimento das sociedades. Com a introdução de aspectos sociais somada às estruturas estéticas, muito valorizadas no estruturalismo, literatura e música podem ser consideradas, em seus mais variados contextos, expressões e veículos instituídos de registros humanos simbólicos culturais.

Os escritores e compositores, ao utilizarem de instrumentos de formação, contribuem, de forma generosa, tanto para o ouvinte quanto para o leitor na construção e na percepção do mundo a sua volta. É a partir do ato da audição e da leitura que os textos se concretizam, e ao apropriar-se deles, o indivíduo constrói seu universo, dando-lhe significados a partir de suas experiências pessoais. Assim, percebe-se o valor de ambas as artes, que confluem e partilham, numa reciprocidade expressiva, de muitas realidades, mazelas, histórias e aspectos da humanidade, construídos por nós e por esse grande corpo de palavras (BRITO, 2015).

A música, ao apresentar as mais variadas temáticas, possibilita a exploração da comunicação e da escrita, enriquece a visão de mundo e colabora para que o indivíduo atue na transformação do meio ao qual está inserido, o que possibilita ainda a interação entre a arte e a sociedade. As palavras musicais caem como comunicação apropriada,

obtendo-se de características específicas e construções diversificadas, para Medeiros “[...] trata-se de objeto híbrido, cujo estudo, portanto, não se deve limitar ao foco no texto, subtraindo à canção elementos significadores encontrados na melodia e na interpretação”. Nessa perspectiva, a música pertence a um campo interdisciplinar, envolvido pelo poder das letras, não dessemelhante ao texto literário (MEDEIROS, 2001, p. 128).

A formação relacional entre literatura e música está presente no contexto brasileiro, tornando-se objeto de estudo em várias teses debruçadas no campo da LC. Vale lembrar que, ao reportar-se a música, é exatamente no século XX que se consolida a Música Popular Brasileira –MPB, carregada de um peso semântico e estético complexo e de grande potencial, podendo ser chamada até de Alta literatura. Não adentraremos em detalhes sobre a grande contribuição dos mais contundentes introdutores e colaboradores da consolidação da música popular, mas é importante destacar que foi por meio “[...] da intervenção dum professor de Letras é que a crítica cultural brasileira começa a ser despertada para a complexidade espantosa do fenômeno da música popular” (SANTIAGO, 1998, p.11). Chega-se a um ponto em que não se pode analisar obra e música separadas de contexto, pensá-las conjuntamente e de forma complementar é essencial (NAPOLITANO, 2002).

O entrecruzamento das áreas supracitadas é visível, tornando-as frutíferas juntas, apesar de suas diferenciações e de serem objetos de análise de grande peso histórico, social, político e cultural, bordadas de uma pluralidade real e mediada pelos sujeitos dos diversos momentos significativos do tempo. Também cabe lembrar o fenômeno transmidiático como processo de narratividade e os aspectos intermediáticos das intertextualidades presentes em textos específicos, assim como a natureza inevitável de cada mídia. No caso deste trabalho, cabe lembrar os conceitos mediados por



Steven Paul Scher, que especifica as categorias relacionais entre música na literatura, literatura na música e a combinação de música e literatura (CLÜVER, 2008). Ao partir desses pressupostos, pelo viés do contexto da intermedialidade<sup>7</sup>, a análise pauta os elementos que transcendem os textos, seja da música ou da narrativa, do diálogo e das inter-relações existentes em ambas, visto que elas são válidas em todos os tempos e lugares e se constituem como instrumentos de múltiplas vozes, experiências, vidas e realidades que se transformam continuamente.

### **Entre a distância e o contexto - a continuidade dos sinais fechados**

Os textos tomados para análise e intermediados pelo diálogo e pela intertextualidade são a música “Sinal Fechado”, de 1969, de Paulinho da Viola, e o conto “Sinal Fechado”, de 2008, de Marcelino Freire, presente em seu livro de contos *Rasjif: mar que arrebenta*. Ambas as obras possuem o mesmo título, porém com contextos e tempos distintos, o que não impede de compartilhar das mesmas possibilidades e contestações.

De um lado, Paulinho da Viola, cantor e compositor, ao conviver com outros cantores como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, colaborou nas contestações contra a ditadura através das letras musicais. A música em questão se utiliza de uma melodia simples, todavia vanguardista, a qual se constitui, no teor de sua descrição, como uma canção de protesto. É apropriado destacar que a música surge em plena ditadura militar brasileira. Ao contextualizá-la, Rezende enfatiza:

A ditadura orientou, no entanto, sua busca de legitimidade através de uma hipotética pretensão democrática que se constituiu numa espécie de fio condutor presente em todos os governos militares. A construção de

um suposto ideário de democracia enquanto um sistema que sedimentasse determinados interesses e valores sociais foi, sem nenhuma dúvida, uma das grandes prioridades daquele período o que remete à necessidade de investigar ao mesmo tempo quais eram os elementos subjetivos e objetivos definidores daquele processo (REZENDE, 2013, p. 2).

A promulgação e a legitimação da ditadura estavam estreitamente vinculadas às estratégias da possível “democracia” prorrogada pelo governo militar, essas agregadas às esferas, principalmente às políticas e econômicas, dessem esquecer da censura aos possíveis protestos urgidos.

Do outro lado, Marcelino Freire, pernambucano e autor de vários livros de contos que destacam problemáticas atuais. Vencedor do Prêmio Jabuti em 2006, recebeu em 2014 o prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional. O que se expõe aqui é somente uma pequena contextualização, para entendermos o surgimento dos textos, haja vista que Marcelino Freire está vinculado à realidade contemporânea.

Ao compreendemos o processo até aqui elaborado, os trâmites em análise podem ser denominados como ruptura, pois os mesmos se entrelaçam ao constituírem sentidos análogos, a partir da escolha do título do conto “Sinal fechado”, o mesmo título da música de Paulinho da Viola. Não tão somente no título, mas na estrutura textual que os compõem, que apresenta uma conversa entre duas pessoas em determinada situação, enquanto sinal de trânsito encontra-se fechado.

Olá, como vai?  
Eu vou indo e você, tudo bem?  
Tudo bem eu vou indo correndo  
Pegar meu lugar no futuro, e você?  
Tudo bem, eu vou indo em busca  
De um sono tranquilo, quem sabe...  
(VIOLA, 2016)

- O quê?  
- A culpa é do carro.  
- Hã?  
- Do carro.  
- A culpa é do carro?  
- Sim, não vê?  
- O quê? (FREIRE, 2008, p.109)

<sup>7</sup> Para aprofundamento do termo, buscar o texto “Intermedialidade”, de Claus Clüver, UFMG, 2007.

O diálogo ocorre entre duas pessoas não identificadas pelos nomes, mas apesar dos rumos diferentes, é possível perceber que o encontro delas se dá em um local transitório e muito movimentado, ou seja, no centro ou numa rua qualquer de uma grande cidade, na qual, perceptivamente as relações humanas são impelidas pela falta de tempo e pela inerente agitação cotidiana. Os questionamentos, tanto no primeiro excerto quanto no segundo, demonstram as atitudes das pessoas, as quais, depois de muito tempo distante, devido à vida corrida, ao se encontrarem, levantam possibilidades de aproximação. A presença das frases curtas estabelece relação com o dinamismo vivenciado nas grandes cidades, dificultando laços mais afetivos e profícuos. O tempo se “dissolve no ar” com rapidez irrefreável, por isso os versos “Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios, Oh! Não tem de quê, eu também só ando a cem” (VIOLA, 2016), destacam a ideia de que, no amontado de notícias e de acontecimentos diários, é comum ficarmos enfadados e interligados no aceleração do tempo:

- A Guerra na Arábia Saudita, na Cochinchina, sei lá. A culpa é do carro. Do combustível. Do petróleo. Do gás. Da gasolina.  
- Agora mais essa...  
- Da guerra. Sim, da guerra. Da carnificina. Por que é que eles brigam, meu carro? Por causa do carro. Entendeu? A roda nos fodeu. Antes a gente vivesse no tempo do jumento. Até o jumento virou moto. Não viu? Um dia saiu na televisão (FREIRE, 2008, p.109).

A personagem enfatiza a invasão da urbanização, parecendo querer viver no “tempo jumento”, ou seja, com a vida calma pré-urbana, onde reinava o diálogo e a proximidade entre as pessoas, e não o fornecimento acelerado de dados ofertados pela cultura de massa (mídia) hoje. Tudo isso distancia as pessoas e impossibilita encontros. A transferência da culpa ao veículo, carro, também é perceptível, é dele a procedência dos males existentes na sociedade, “No inferno. Gente carbonizada.

Chamuscada. Tanto aqui como na França. Morre até criança. Culpa do carro. Do carro, do carro. Este monstro. O aquecimento, de onde vem? O degelo? O fim da Amazônia, pensa bem” (FREIRE, 2008, p.111). Em vez de um objeto que transporta as pessoas e os leva num processo de transitividade, o carro é acusado de causar o atraso e a estaticidade. A urbanização e os elementos que a compõem fazem da agilidade uma decadência.

Percebe-se que a personagem conclui que o carro é o propulsor dos mais variados problemas existentes na vida em sociedade e no ambiente ao seu redor, principalmente, pelas questões que não dão certo em sua vida. Por isso, seu amigo faz a seguinte reflexão:

- Juro. Estou ficando com medo deste seu discurso, sem fim. Sei não. Você já procurou um psicólogo? Sua mãe, o que acha? Seu pai? Sua tia? Sua namorada?  
- Acabei o namoro, não sabia?  
- Com a Marília?  
- É. Por causa do carro (FREIRE, 2008, p.111).

O discurso ganha tanta intensidade questionadora em relação a culpa colocada no carro que a outra personagem começa a acreditar que seu amigo está louco. O monólogo ocorrido acerca do objetivo é obsessivo, depositando no carro até a culpa pela ocorrência do fim de seu relacionamento com Marília. Ao decorrer do conto, ele comenta no diálogo o motivo, pois ela “[...] achava minha Brasília muito devagar [...]” (FREIRE, 2008, p.112). Analisando de forma contextual, podemos observar que não é o interesse financeiro ou material que está em jogo, mas Marília que simbolicamente representa também o próprio desenvolvimento, dessa forma, a personagem não consegue acompanhá-lo e acaba ficando para trás.

Não obstante, além das perdas por causa desse processo, ocasiona-se a fragilidade das relações interpessoais, pela falta de tempo e por causa da correria diária. Isso encontra-se bem externado na letra da música, marcado pelas

expressões “Quanto tempo... pois é... Quanto tempo...”, ou, “Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)” (VIOLA, 2016). Além de não se encontrarem há muito tempo, a presença das reticências nos leva a pensar sobre a falta de assunto causado pelo distanciamento. E se por acaso ocorresse um possível encontro, a tentativa de reaproximação seria rápida, tal como é marcado pelos excertos; “Por favor, telefone, eu preciso/ Beber alguma coisa, rapidamente/ Pra semana/ O sinal.../Eu espero você (VIOLA, 2016). A proposta de combinar um encontro é cortada, então, pela possibilidade de abertura do farol, que interrompe a conversa, junto da promessa de não esquecer. No entanto, a música finaliza com a palavra “Adeus...”, que ecoa a impossibilidade dessa aproximação e do de um posterior encontro.

Em relação à frase “Quanto tempo...”, ainda podemos destacar a presença do silenciamento e dos intervalos, interpretados como fragmentação da convivência humana, não só no âmbito interpessoal, mas também consigo mesmo (intrapessoal). Ou seja, já nos anos 1960 (contexto da música), o desenvolvimento industrial<sup>8</sup>, o crescimento desordenado urbano e a vida agitada acarretavam grandes transformações na vida dos brasileiros.

Apesar das transformações correntes, poderíamos nos dizer contraditórios, ao afirmar que se procede uma realidade estática, pois as personagens se conscientizam “[...] de sua impotência diante da des(interação) com a amada, com as ações políticas, com sua situação de brasileiro que se inflama, mas logo se cala, estaciona sem ter para onde fugir [...]” (SILVA; COUTO, 2013, p.97). O sinal fechado as impede de ir além, de ultrapassar o limite, estagnando-as e levando-as a um caos de desintegração. Outro ponto a ser considerado ainda é o desconforto na conversa das personagens

amigas: na música, marcada pelas reticências; e no conto, pelas interrogações.

Nessa perspectiva, ainda temos a presença da indignação e da revolta impregnadas nas palavras externadas pela personagem do conto, ao dialogar com seu outro amigo, dizendo: “[...] Como você ainda não se ligou. O tanto que o carro está destruindo o ser humano. Já estamos, faz tempo, por um triz, na corda-bamba, no meio-fio. Por causa de quem, me diz. Este meu coração que não bate bem” (FREIRE, 2008, p.112). É perceptível que, a globalização introduz vários aspectos positivos, mas também acarreta muito pontos negativos, especialmente por deixar à margem os que não conseguem acompanhar o processo. Quando a personagem, de forma irônica, comenta que seu coração não bate bem, é pelo fato de muitos estarem excluídos do contexto desenvolvido e de o ser humano encontrar-se em perigo diante das mazelas surgidas desse ambiente hostil.

Quanto ao título “Sinal fechado”, no contexto da música, temos a representação do tempo da ditadura, significando a censura e o cerceamento da liberdade; e no conto, a não resolução dos problemas brasileiros:

Tanta coisa que eu tinha a dizer  
Mas eu sumi na poeira das ruas  
Eu também tenho algo a dizer  
Mas me foge a lembrança (VIOLA, 2016).

- Quem disse que adianta buzinar, hein? Não sabe? Não lembra? Não viu? Estamos no Brasil.  
- Puta que pariu! Tá, tá, vou indo...  
- Para onde? Não vê que está vermelho? Quem disse que o sinal abriu? (FREIRE, 2008, p.112).

Apesar do anúncio da música citar que o sinal vai abrir, tal abertura não se concretiza e, no conto, o sinal propicia um cerco continuamente fechado. Partindo das ideias dos sinais que não se abrem, faz-se um prelúdio das relações entre as duas formas de arte. Na mesma localidade, Brasil, em tempos distantes um do outro, permanece as configurações

<sup>8</sup> Vale lembrar que a Revolução Industrial no Brasil teve início na década de 1930 com o governo de Getúlio Vargas.



da falta da liberdade, o afastamento daquilo que é palpável e real, a fragmentação das relações humanas, o processo de urbanização e seus mais variados problemas. Tal estado estabelece pontos norteadores que montam um ciclo intertextual, há o diálogo de vozes, personagens, situações, temáticas e estruturas, que fazem refletir sobre a possibilidade do anúncio de que o sinal ia abrir (música), mas que permanece fechado (conto). Em vista dos problemas serem os mesmos, por mais diferenciada a representação da realidade, uma ditatorial e outra democrática, não houve grandes alterações depois de 40 anos, pois, metaforicamente falando, o sinal ainda continua fechado.

Todavia, vale fazer uma ressalva, pois apesar do sinal continuar fechado, há a expectativa de transgredir ou ultrapassar esse sinal, tanto na letra da música, “O sinal.../ [...] Vai abrir...” (VIOLA, 2016), quanto no conto, “Só de imaginar o trânsito na beira do abismo, a caminho do mar. Todo mundo quer sair. E chegar. Fugir para ver o sol. Esquentar o motor. Mostrar o seu valor [...]” (FREIRE, 2008, p.110). Percebe-se o desejo de caminhar, da inclusão de todos no contexto que se passa, na construção de novos horizontes, na perspectiva de o sinal mudar de cor e de oferecer ruas (caminhos) que possam ser trilhadas com autenticidade e oportunidade de escolhas, apesar de todas as transgressões cometidas pelo poder autoritário, ainda tão presente de forma inescrupulosa na atualidade, e pela desenfreada expansão urbana.

Embora a letra da música tenha sido escrita na década de 1960, ela continua tão atual quanto na época, logo, deleita-se e estende-se na letra do conto. Comumente, “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada” (CANDIDO, 2000, p.49). Dessa forma, compreende-se que as manifestações artísticas estão interligadas à vida social, sendo as comunidades ou sociedades uma

expressão viva dessas manifestações, sejam ela individuais ou coletivas, transladadas e externadas como pulsações e expressões de necessidades que urgem das possibilidades de comunicação e integração humana.

## Reflexões finais

A Alta Literatura, discutida por muito tempo e ainda atualmente, vista por um olhar tradicional, não se desprende das impossibilidades de comungar essa com outras formas de arte, como por exemplo, a música. No entanto, isso vem mudando com discussões ainda acirradas sobre essa possibilidade de estudo. Os Estudos Comparados e os Estudos Culturais foram e são campos de força na expansão política, difundindo possibilidades de análises que se encontram na vida cotidiana do indivíduo e colaborando de forma direta na expansão cultural.

A literatura e a música, ao dialogarem nos oferecem um espaço ou campo do encontro do eu com o tu, e desses com o mundo. No momento que o contato ocorre entre as duas, faz-se perceber uma intertextualidade, a fruição dos mais variados temas, modos de expressões e realidades. Cada povo ou cada grupo, em algum momento, de maneira peculiar, já deliciou-se com a música ou com a literatura, como meio comunicativo daquilo que vivem.

Não se pode infringir ou ignorar as diversas manifestações de arte, pois é sabido que elas são capazes de montar e expressar a realidade de um povo, comunidade ou sociedade. Assim, tem-se nas relações entre a literatura e a música uma riqueza infalível, pois elas, apesar de em muitos momentos não se constituírem do mesmo campo, são instrumentos de grande expressividade da vida e expoentes construtivos e colaborativos de espaços em que se constroem realidades.

Por isso, a análise aqui realizada, da letra da música “Sinal Fechado”, de Paulinho da Viola,

comparativamente ao conto “Sinal Fechado”, de Marcelino Freire, contido na obra *Rasif: mar que arrebenta*, levanta discussões importantes sobre diferenciados contextos sociais, contudo, é possível dizer que as obras dialogam por conta da temática, como já apontado anteriormente. Apesar da distância temporal (de mais de 40 anos), ambos os textos expressam contestações contra todo contexto que fragmenta as relações humanas, e que exclui o sujeito da participação e dos benefícios proporcionados pelo desenvolvimento, deixando-o à beira da calçada, em pleno sinal fechado, sem novos caminhos a serem trilhados.

Alegar a inter-relação entre essas duas artes é, de forma concreta, alargar o conhecimento sobre a cultura, já que se precisa compreender que não há escolhas boas ou ruins, pois tanto a literatura quanto a música são produtos políticos, sociais e culturais de determinado local e distinta comunidade. Assim, o artigo mostra que, apesar das diferentes formas e das singularidades de expressão, há o diálogo e a ligação entre ambas as artes (música e literatura), sendo que elas, muitas vezes, compartilham das mesmas necessidades, questionamentos e reflexões.

## Referências

- BRITO, José Domingos de (orgs). *Mistérios da criação literária: Literatura e Música – depoimentos célebres e bibliografia*. Vol. 6. Tiro de Letra, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura Comparada”. In: *Recortes*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2004, p.229-234
- CARVALHO, Helba; SPARANO, Magali Elisabete. “(Des)interação e intertextualidade: uma leitura de sinal fechado”. In: SILVA, Maurício, COUTO, Rita (orgs). *A miséria é pornográfica: ensaios sobre a ficção de Marcelino Freire*. – São Paulo: Terracota Editora, 2013.
- CARVALHAL, Tania Franco. “Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras”. In: CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo – RS: Ed. Unisinos, 2003.
- CEVASCO, Maria Elisa. “Literatura e Estudos Culturais”. In: BONNICI, Thomas, Zolin, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.
- CLÜVER, Claus. “Intermedialidade e Estudos Interartes”. In: NITRINI, Sandra et alii. *Literatura, artes, saberes*. SP: Aderaldo & Rothschild: ABRALIC, 2008.
- ETIEMBLE, René. “Crise da Literatura Comparada”. In: CARVALHAL, Tania Franco, COUTINHO, Eduardo (orgs). *Literatura Comparada: textos fundadores*. 2 ed. RJ: Rocco, 2011.
- FREIRE, Marcelino. *Rasif: mar que arrebenta*. – Rio de Janeiro: Record, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Amar é crime*. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MARQUES, Reinaldo. “Literatura Comparada e Estudos Culturais: diálogos interdisciplinares”. In: CARVALHAL, Tania Franco. *Culturas, contextos e discursos – limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- MEDEIROS, Fernanda. 2001. “Pipoca moderna: uma lição – estudando canções e devolvendo a voz ao poema”. In: *Ao encontro da palavra cantada*. Rio de Janeiro, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

REMAK, Henry Heymann Herman. *Literatura Comparada: definição e função*. In: CARVALHAL, Tania Franco, COUTINHO, Eduardo (orgs). *Literatura Comparada: textos fundadores*. 2 ed. RJ: Rocco, 2011.

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade :1964-1984* [livro eletrônico]. – Londrina: Eduel, 2013.

SANTIAGO, Silviano. “Democratização do Brasil (1979-1981) – Cultura versus Arte”. In: ANTELO, R, et alii (orgs.). *Declínio da Arte – ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC/Letras contemporâneas, 1998.

SOUZA, Eneida Mara de. *Crítica Cult.* BH: Ed. UFMG, 2007.

VIOLA, Paulinho da. “Sinal fechado”. Disponível em: <<http://cifrantiga3.blogspot.com.br/2006/07/sinal-fechado.html>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

**Submissão:** 17 de julho de 2008

**Aceite:** 14 de dezembro de 2018